



CONEXÕES ENTRE METODOLOGIAS ATIVAS E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

CONNECTIONS BETWEEN ACTIVE METHODOLOGIES AND THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENTS

Jocelia Martins Marcelino **1**
Vanessa Gabrielle Woicolesco **2**

Resumo: Este estudo teórico-reflexivo propõe uma análise da conexão entre metodologias ativas e a internacionalização da educação superior em ambientes virtuais de aprendizagem, buscando estabelecer os nexos teóricos e práticos entre essas dimensões. Na análise realizada, contextualiza-se a pertinência da adoção de metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem, considerando as novas configurações impostas à função social das instituições de educação superior no atual contexto e o papel de protagonista do estudante nas atuais teorias educacionais. Demonstra-se como o uso das metodologias ativas nas ações de internacionalização da educação superior realizadas em ambientes virtuais de aprendizagem contribuem para fomentar o desenvolvimento de competências internacionais e interculturais necessárias para a formação de sujeitos que precisam atuar social e profissionalmente em um mundo globalizado.

Palavras-chave: Educação Superior. Internacionalização. Metodologias ativas. Ambientes Virtuais de Aprendizagem.

Abstract: This theoretical-reflective study proposes an analysis of the connection between active methodologies and the internationalization of higher education in virtual learning environments, seeking to establish the theoretical and practical links between these dimensions. In the analysis carried out, the relevance of adopting active methodologies in virtual learning environments is contextualized, considering the new configurations imposed on the social function of higher education institutions in the current context and the role of protagonist of the student in current educational theories. It is demonstrated how the use of active methodologies in the internationalization actions of higher education carried out in virtual learning environments contribute to fostering the development of international and intercultural competences necessary for the formation of subjects who need to act socially and professionally in a globalized world.

Keywords: Higher Education. Internationalization. Active Methodologies. Virtual Learning Environments.

-
- 1** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa PROEX/CAPES. Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1133763014349520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3997-1555>. E-mail: joceliamarcelino@gmail.com
 - 2** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa PROEX/CAPES. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9434418247974552>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3058-8808>. E-mail: vanessawoicolesco@gmail.com
- 

Introdução

As abordagens contemporâneas sobre os processos de ensino e aprendizagem concebem o estudante como o centro desta relação (ALMEIDA, MORAN, 2005; ARAÚJO, 2015). A partir de movimentos como Escola Nova, difundido por William James, John Dewey e Édouard Claparède, defende-se uma “metodologia de ensino centrada na aprendizagem pela experiência e no desenvolvimento da autonomia do aprendiz” (ALMEIDA, 2018, p. 17). A educação passa a ser entendida como uma forma de desenvolver a autonomia do estudante na construção de seu conhecimento, e proporciona experiências que promovem a reflexão sobre o ato de aprender por meio da produção de relações, da tomada de consciência e posterior reconstrução da experiência com novos significados (BACICH, MORAN, 2018).

Uma das maneiras de oportunizar ao estudante o protagonismo no seu desenvolvimento educacional é a incorporação de metodologias ativas nas práticas pedagógicas, as quais estão pautadas “em processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema” (BASTOS, 2006, p. 10). Essas metodologias propiciam o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, resultado da participação do estudante no ato educativo, a qual ocorre a partir de distintas “formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos” (BERBEL, 2011, p. 29).

O uso das metodologias ativas nos espaços de ensino e aprendizagem é complementado com a introdução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC’s). A partir dessa combinação, o ensinar e o aprender acontecem em uma relação híbrida, a qual ocorre não apenas no espaço físico ou digital da sala de aula, mas em múltiplos espaços que devem estar conectados para oferecer uma experiência de aprendizagem significativa e integrada aos estudantes (CHRISTENSEN, HORN, STAKER, 2013; MORAN, 2015). Nos processos de internacionalização da educação superior, a inclusão das TDIC’s representa uma possibilidade de impulsionar a colaboração internacional, a inovação, a melhoria e a relevância deste processo, mediante o desenvolvimento de competências globais e internacionais em um maior número de estudantes (IESALC-UNESCO, 2018, p. 18).

Uma internacionalização inclusiva para todos e no próprio campus é a perspectiva apresentada pela Internacionalização em Casa (*Internationalization at Home – IaH*) cujo conceito é definido como “a integração intencional de dimensões internacionais e interculturais ao currículo formal e informal para todos os estudantes em ambientes de aprendizagem domésticos” (BEELEN, JONES, 2015, p. 69). Desta forma, argumenta-se que os princípios da aprendizagem significativa e integral, a partir do uso das metodologias ativas, vão ao encontro dos objetivos de uma internacionalização da educação superior inclusiva para todos.

Com o isolamento social causado pela crise da imposta pela pandemia da COVID-19, confirmou-se que a educação não é apenas sobre o lugar e o espaço físico, mas que existe um espaço virtual de educação que é igualmente importante considerar (TESAR, 2021). Seja nos momentos de crise ou não, o uso de metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem contribui para a manutenção e aprimoramento da internacionalização da educação superior.

Este ensaio apresenta uma reflexão sobre o uso das metodologias ativas em ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da internacionalização da educação superior. O texto é construído em quatro seções. A primeira é constituída por esta Introdução. Na segunda contextualiza-se a pertinência da adoção de metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem, considerando as novas configurações impostas à função social das instituições de educação superior (IES) no atual contexto e o papel de protagonista do estudante nas atuais teorias educacionais. Na terceira, demonstra-se como o uso das metodologias ativas nas ações de internacionalização da educação realizados em ambientes virtuais de aprendizagem contribuem para fomentar o desenvolvimento de competências internacionais e interculturais para todos os estudantes. Na última seção estão as considerações finais do estudo.

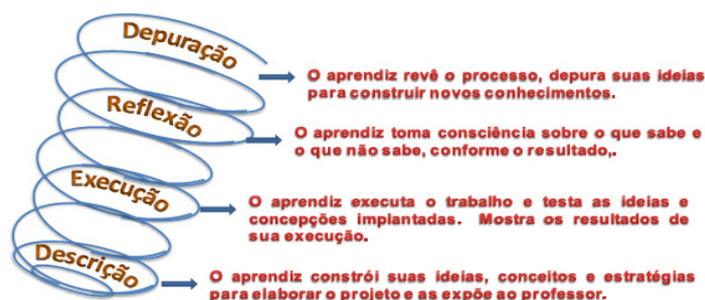
As metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem

A educação superior está inserida em um complexo contexto sócio-histórico e econômico mundial. Frente a este cenário, novas configurações estão em construção em suas funções acadêmicas e administrativas. A formação acadêmica nas IES está interligada com demandas sociais a nível local, regional, nacional e global, o que exige que os estudantes desempenhem um papel fundamental no processo de ensino e de aprendizagem, devendo ser relegada a posição de simples expectador e consumidor de conteúdos (DIESEL, BALDEZ, MARTINS, 2017).

Nesta perspectiva, a aquisição da aprendizagem é constituída a partir de um sistema equilibrado entre duas dimensões: o individual e o coletivo. Na dimensão individual, cada estudante percorre um roteiro próprio, na coletiva, estão contempladas as diferentes formas de colaboração em grupo (MORAN, 2015). Esse processo é possível, segundo Moran (2015, p. 5), porque a aprendizagem ocorre em um movimento estruturado “entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada pessoa consigo mesma, com todas as instâncias que a compõem e definem, numa reelaboração permanente”.

O processo de aprendizagem é representado por Leite e Ramos (2017) em um espiral, no qual as autoras o caracterizam pelas ações de descrição, execução, reflexão, depuração, baseado na relação entre os aprendizes e apoiado em diálogo, cooperação e colaboração, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1. Espiral de aprendizagem



Fonte: Leite e Ramos (2017, p. 93).

A espiral representa a evolução da construção do conhecimento. À medida que o aprendiz adquire novas experiências através da execução, reflexão e depuração, a aprendizagem se torna relevante e significativa, encadeando conhecimentos novos aos previamente adquiridos, podendo levá-lo a apresentar alternativas para a solução dos problemas estudados (LEITE, RAMOS, 2017). Como o aprendizado ocorre de muitas maneiras, as metodologias precisam acompanhar este movimento para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

Diante dessas premissas, destaca-se que o uso de metodologias de ensino e aprendizagem tem o potencial de promover o engajamento dos estudantes no processo educacional, as quais favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo (LIMA, 2017), a partir de um processo interativo e colaborativo. As diferentes estratégias utilizadas no âmbito das metodologias ativas, como atividades pedagógicas como sala de aula invertida; aprendizagem baseada em problemas; aprendizagem baseada em projetos; aprendizagem por histórias e jogos (gamificação), colocam o estudante frente a situações que estimulam seu potencial intelectual para sua compreensão ou superação (BERBEL, 2011; MORAN, 2018).

A partir da adoção de metodologias ativas, a flexibilidade cognitiva é aumentada, isto é, a “capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptarmos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes” (MORAN, 2015, p. 5). Esta situação de aprendizagem colabora para o

desenvolvimento do espírito científico, do pensamento crítico, do pensamento reflexivo, de valores éticos, entre outras conquistas dessa natureza, por meio da educação, nos diferentes níveis, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia na formação do ser humano e de futuros profissionais (BERBEL, 2011, p. 34).

A perspectiva da colaboração presente nas metodologias ativas requer os seguintes elementos: interdependência, interação, pensamento divergente e avaliação. Esses, se interconectam e implicam em um trabalho em conjunto, realizado para alcançar os objetivos de aprendizagem propostos, no qual as interações favorecem a cooperação, o respeito às diferentes ideias e opiniões e a avaliação é utilizada como instrumento de autoavaliação e da avaliação da aprendizagem em grupo (LEITE, RAMOS, 2017).

Conforme o estudante desenvolve seu conhecimento, as autoras evidenciam que as informações se tornam mais complexas, possibilitando a elaboração contínua do que aprendeu, o que torna a aprendizagem significativa. Ou seja, quando a aprendizagem é significativa, a capacidade do estudante de fazer conexões ao interagir com novos conteúdos é aumentada, o que contribui para a construção do próprio conhecimento.

As transformações sociais registradas nas últimas décadas requerem a capacidade de adaptação frente às constantes mudanças. O movimento dinâmico imposto pela tecnologia, no qual a disseminação quase que instantânea da informação em todas as partes do globo, é uma delas. Em um contexto que é cada vez mais digital, as oportunidades de aprendizagem formal e informal nas modalidades presencial, à distância, híbridas e on-line, gratuitas ou pagas, aumentaram exponencialmente (MORAN, 2017).

As pessoas não estão mais restritas a um espaço geográfico, pois “são agora globais, vivem conectados e imersos em uma quantidade significativa de informações que se transformam continuamente, onde grande parte delas, relaciona-se à forma de como eles estão no mundo” (DIESEL, BALDEZ, MARTINS, 2017, p. 273). Isso implica em modificações profundas para nas IES, e uma dessas mudanças está no conceito de sala de aula, que não é mais um “espaço físico estático em um tempo definido” (LACERDA, SANTOS, 2018, p. 619). Além disso, com o progressivo uso das tecnologias digitais nas metodologias de aprendizagem, o papel do professor e do estudante são remodelados.

A adoção das metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem permite que os estudantes façam uso dos artefatos digitais para promover o conhecimento através das interações humanas tanto na forma síncrona como na assíncrona (MAZZAFERA, BIANCHINI, 2020). O uso de metodologias ativas nos ambientes virtuais de aprendizagem ultrapassa a metodologia tradicional, onde o professor é mero transmissor do conhecimento. Além disso, oportuniza aos estudantes meios de interação com o professor, com os outros colegas, com o conteúdo e com a tecnologia.

Essa integração possibilita ao estudante buscar soluções para as situações do cotidiano, desenvolvendo a autonomia, interação, cooperação, colaboração e o comprometimento com a construção do próprio aprendizado (LEITE, RAMOS, 2017). Desta forma, a educação cumpre a sua função social desenvolvendo a capacidade do estudante de pensar-agir-pensar, levando-o a atuar na construção de uma sociedade mais justa, reflexiva e equitativa (PAZ, ROCHA, 2021).

Estas interações favorecem a formação de grupos virtuais e a colaboração nas atividades, permitindo a cooperação e a construção de conhecimento por meio de trocas, e estimulam a aprendizagem significativa (LEITE, RAMOS, 2017). As autoras apontam como fatores facilitadores desse processo: 1) interação social e questionamento; 2) diversidade de material instrucional; 3) aprendizagem receptiva; 4) aprendizagem de nova linguagem; 5) consciência semântica; 6) aprendizagem pelo erro; 7) desaprendizagem; 8) incerteza do conhecimento; 9) definições, perguntas e metáforas, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1. Fatores facilitadores da aprendizagem no AVA

Interação Social e Questionamento	Aprendizagem por meio de perguntas Postura dialógica
Diversidade de Material Instrucional	Além de livros textos, utilizar artigos, jornais e outros materiais. Utilizar e selecionar materiais diversos com cautela.
Aprendizagem Receptiva	Processo dinâmico de interação com os novos conhecimentos. Percepção do aluno em relação à aprendizagem recebida.
Aprendizagem da Nova Linguagem	Aprender não só as palavras, mas os signos e instrumentos utilizados.
Consciência Semântica	O significado está nas pessoas e não nas palavras.
Aprendizagem pelo erro	A aprendizagem ocorre na correção dos próprios erros.
Desaprendizagem	O novo conhecimento interage com o conhecimento pré-existente
Incerteza do conhecimento	Sintetiza os fatores até então mencionados, principalmente os que estão relacionados à linguagem.
Definições, perguntas e metáforas	Elementos que constroem e ampliam o processo de aprendizagem do aluno.

Fonte: Leite e Ramos (2017, p. 94).

Estes fatores contribuem para autocriação, construção e desconstrução do conhecimento, aprender e desaprender, acertar e errar, questionar, interagir e transformar. A fluência tecnológica para o uso das tecnologias disponíveis neste ambiente é fundamental para o sucesso do aprendizado, bem como o desenvolvimento de materiais didáticos baseados nos princípios da aprendizagem e estratégias de ensino voltadas para diferentes culturas de aprendizagem.

A construção de sistemas educacionais inclusivos, que fomentem a construção compartilhada do conhecimento e das práticas pedagógicas, estabelecendo novos paradigmas para professores e para o ensino superior a partir da lógica da interatividade e da co-construção é uma das premissas do atual relatório da Unesco Futuros da Educação: Aprendendo a tornar-se. A iniciativa integra uma série de relatórios globais encomendados pela instituição com o objetivo de inspirar mudanças nos sistemas educacionais para enfrentar os desafios que o futuro reserva (UNESCO, 2019).

Em uma projeção de futuro que se lança a partir de um mundo em crise, a partir de um “ponto de vista de um humanismo estendido que capta um repensar necessário das relações humanas com o planeta, entre si e com a tecnologia, e apresenta um caso e uma estratégia para construir a educação como um bem público e comum” (FACER, 2021, p. 17). A premissa do aprendendo a torna-se

Aponta para uma filosofia da educação e uma abordagem da pedagogia que vê a aprendizagem como um processo de desenvolvimento contínuo que é contínuo e ao longo da vida. Pensar em termos de “devir” é invocar uma linha de pensamento que enfatiza os potenciais, rejeita o determinismo e expressa uma abertura flexível para o novo (UNESCO, 2019, p. 12, grifos do autor).

De acordo com a iniciativa, o conhecimento e aprendizagem estão no centro das transformações humanas e sociais. “Aprendendo a tornar-se nos convida a nos tornarmos algo que ainda não nos tornamos” (UNESCO, 2019, p. 12), possibilitando o enfrentamento das

transformações causadas pelo homem no planeta, invocando que a necessidade de olhar para o futuro permite que “antecipar e moldar futuros mais próximos e mais distantes” (UNESCO, 2019, p. 13). Essa convergência acarreta transformações que atingem todas as dimensões das instituições educativas, onde e cada vez mais a aprendizagem colaborativa é um pressuposto.

Internacionalização da Educação Superior, metodologias ativas de aprendizagem e ambientes virtuais de aprendizagem

A internacionalização da educação superior é um campo teórico e prático interdisciplinar, que envolve o intercâmbio de pessoas e conhecimentos, redes colaborativas, línguas estrangeiras, convênios, dupla titulação, cotutela, cujo objetivo central é o desenvolvimento de processos formativos que desenvolvam o respeito à diversidade cultural, privilegie a interculturalidade e a responsabilidade social (MOROSINI, 2016; DE WIT, 2017; KNIGHT, 2020).

Sua importância é definida e reafirmada por estudiosos do campo em todas as regiões do globo, constitui-se como um dos vetores essenciais para a garantia da educação superior como bem público e direito humano universal, e apresenta perspectivas definidoras para o futuro da educação superior na atualidade. Para Morosini (2017), a internacionalização da educação superior deve ser consubstanciada a partir de relações com países de todas as regiões do globo, privilegiando as diferenças culturais, alcançando as comunidades locais e permitindo que, através do desenvolvimento sustentável a cidadania global seja alcançada.

Compreendida como o processo de incorporação de uma dimensão internacional e intercultural na missão e visão das instituições, na busca pela qualidade e excelência acadêmicas, a internacionalização da educação superior visa

Fomentar nos estudantes uma dimensão global uma perspectiva global das questões humanas e uma consciência global dos valores e atitudes de um responsável, humanista e consciência global para os valores e atitudes de cidadania global responsável, humanista e solidária (GACÉL-ÁVILA, 2006, p. 61).

Essa definição apresenta a Internacionalização como um processo que envolve toda a comunidade universitária. A ideia sobre como oportunizar o desenvolvimento de habilidades e competências interculturais aos estudantes dentro de seu próprio campus chamada *Internationalization at Home* ou Internacionalização em Casa suscitou o debate sobre a melhor forma de oportunizar para os estudantes que não fazem mobilidade uma compreensão dos diferentes países e culturas, o respeito pelos outros e pelas diferentes maneiras de viver e ver o mundo (NILSSON, 2000). A *IaH* preconiza uma internacionalização ampla e de acesso a todos, e esta premissa é favorecida com o uso de ambientes virtuais de aprendizagem.

A internacionalização enquanto dimensão transversal da educação superior e por sua característica transfronteiriça sofreu com os efeitos do momento pandêmico e, para mitigar seus efeitos, passou-se a utilizar as TDIC's para manutenção das aprendizagens internacionais, interculturais e para as cooperações acadêmicas. Atualmente há várias abordagens no campo da internacionalização que incorporam as TIDC's para sua consecução, conforme demonstrado no quadro 02.

Quadro 02. Modalidades de internacionalização da educação superior com o uso de tecnologias digitais

MODALIDADE	DEFINIÇÃO
Internacionalização Virtual	Processo de incorporação das TDIC's na nas dimensões internacional, intercultural ou global das funções e finalidades da Educação Superior (BRUHN, OSSIETZKY, 2016).
Internacionalização à Distância	Realização de atividades educacionais mediadas por tecnologia desenvolvidas por estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo além das fronteiras geográficas das instituições, ampliando deste modo os benefícios da internacionalização para um público maior (MITTELMEIER <i>et al.</i> , 2020).
Aprendizagem Colaborativa Online Internacional/ <i>Collaborative Online International Learning (COIL)</i>	“O termo ‘aprendizagem colaborativa online internacional’ combina as quatro dimensões essenciais da mobilidade virtual real: é um exercício colaborativo de professores e estudantes; faz uso da tecnologia e da interação online; tem potenciais dimensões internacionais; e está integrado no processo de aprendizagem” (DE WIT, 2013, s/p).
Mobilidade Virtual	“[...] uma forma de aprendizagem que consiste em componentes virtuais, por meio de um ambiente de aprendizagem apoiado por TIC, que inclui a colaboração transfronteiriça com pessoas de diferentes origens e culturas trabalhando e estudando juntas, tendo, como seu objetivo principal, o aumento da compreensão intercultural e a troca de conhecimento” (BIJNENS <i>et al.</i> , 2006, p. 05).
Intercâmbios virtuais ou telecolaboração/ <i>Virtual Exchange or telecollaboration</i>	“Intercâmbios virtuais ou telecolaboração são termos usados para se referir ao engajamento de grupos de alunos em interações interculturais online e projetos de colaboração com parceiros de outros contextos culturais ou locais geográficos como parte integrada de seus programas educacionais” (O'DOWD, 2018, p. 01).
Curso Online Aberto e Massivo/ <i>Massive Open Online Course – (MOOC's)</i>	Nessa modalidade, os cursos são oferecidos em plataformas virtuais, grande parte deles por instituições acadêmicas, e estão disponíveis para qualquer indivíduo que tenha acesso à internet. Uma das características deste modelo é que os alunos aprendem de forma independente, evidenciando a importância da autonomia na aquisição de conhecimento, e que ocorre no seu próprio ritmo, sem a necessidade de seguir um cronograma específico. Outra característica é que o número de alunos é ilimitado e eles estão separados tanto pelo espaço quanto pelo tempo (KAPLAN, HAENLEIN, 2016).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Bruhn e Ossietzky (2016) observam que entre as atuais tendências da educação superior estão a digitalização, a oferta flexível de cursos à distância e a internacionalização. Os autores salientam que tanto a educação presencial quanto à distância tem incorporado estratégias de ensino online, e por isso, as formas virtuais de internacionalização ganham importância. Como referências internacionais de universidades que já atuam exclusivamente na modalidade de educação à distância, ultrapassam as fronteiras geográficas e possuem política de internacionalização estão a *Open University* (Reino Unido), *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (Espanha) e a *Universidade Aberta de Portugal* (Portugal) (KAMPFF, 2020).

A dimensão internacional da educação à distância a ocupar um espaço cada vez mais representativo, e tanto plataformas de cursos livres ou opções formais – para graduação, especializações, mestrado, doutorado – tornam a formação inicial ou continuada mais acessível. Segundo Mittelmeier *et al.* (2020, p. 269), essa tendência contribuiu para minimizar a distinção entre os estudantes considerados “‘domésticos’ e ‘internacionais’, já que aqueles que estudam distante em outro país muitas vezes não são móveis além das fronteiras internacionais nem elegíveis para um visto de estudante no país da instituição anfitriã”.

Um dos conceitos utilizados para definir o processo de integração das TIDC's na internacionalização foi proposto por Bruhn e Ossietzky (2016), e é uma reformulação da definição original de Knight (2003, p. 2) para a internacionalização

A internacionalização **virtual** nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de introdução de uma dimensão internacional, intercultural ou global na entrega, propósito ou funções do ensino superior **com a ajuda da tecnologia da informação e comunicação (TIC)** (BRUHN, OSSIETZKY, 2016, p. 02, grifos dos autores).

Ao propor o conceito de internacionalização virtual a partir de uma definição amplamente aceita e difundida pela comunidade acadêmica, Bruhn e Ossietzky (2016) justificam que sua opção por considerar que a dimensão virtual deve contemplar todos os processos de internacionalização da IES, e não apenas algumas de suas facetas, como a mobilidade virtual, COIL e a telecolaboração. Os autores acrescentam ainda que a natureza da internacionalização da educação superior foi modificada ao longo dos últimos anos, e por isso, não pode mais ser considerada apenas como sinônimo de mobilidade física.

Essa tendência oferece oportunidades para que os estudantes obtenham muitas das vantagens da internacionalização, como aprender através das abordagens que fomentem a compreensão e o respeito às diferenças culturais, favoreçam a construção de solução coletiva de problemas locais e globais, ao mesmo tempo em que permanecem “em casa” (Mittelmeier *et al.*, 2020; Kampff, 2020). Kampff (2020, p. 253) destaca que “as tecnologias digitais amplificam as intencionalidades e as vivências, que permite, também aos estudantes distribuídos geograficamente, esse tipo de experiências em seus próprios espaços de estudo”. A autora complementa que na internacionalização virtual “‘casa’ deixa de ser o campus físico da IES, sendo ‘casa’ compreendida como espaço virtual, independente da localização geográfica dos estudantes” (KAMPFF, 2020, p. 257, grifos da autora).

A incorporação das TIDC's modifica a ênfase de um modelo de internacionalização de elite para um modelo mais inclusivo (GÓMEZ, 2020; LEASK; GREEN, 2020; TORO, 2020), ao estimular a promoção do desenvolvimento de competências internacionais e interculturais no próprio campus universitário, fortalecendo a *IAH*.

A realização de atividades educacionais desenvolvidas por estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo além das fronteiras geográficas das instituições, com a mediação das TIDC's amplia os benefícios da internacionalização para um público maior (Mittelmeier *et al.*, 2020). Isso porque a incorporação das TIDC's na internacionalização amplia o repertório de estratégias institucionais e acadêmicas que promovem a cidadania global e o crescimento de parcerias internacionais (WOICOLESCO, CASSOL-SILVA, MOROSINI, 2022).

Mobilidade virtual, intercâmbios virtuais e telecolaboração são ações que incorporam as tecnologias digitais nos ambientes de interação para trabalho e estudo, com pessoas de culturas e nacionalidades distintas. Seu objetivo é aumentar a consciência global; compreensão intercultural; fomentar habilidades profissionais, de comunicação e em línguas estrangeiras; o pensamento reflexivo, analítico e crítico; o letramento digital e complementar os programas de mobilidade física das IES (BIJNENS, 2006; O'DOWD, 2018)

Outra possibilidade de utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem na internacionalização apoiada por tecnologias são os projetos de COIL. A metodologia consiste em conectar pessoas por meio de uma plataforma online escolhida a partir das necessidades e interesses das instituições envolvidas¹. Estes projetos são desenvolvidos por professores parceiros de diferentes contextos, com o objetivo mútuo de enriquecer seus cursos através da aprendizagem colaborativa. Fornecem ainda oportunidades e experiências globais significativas, enriquecem a formação acadêmica, melhoram a qualidade do ensino, e aprimoram a interação

1 Disponível em: <https://coil.suny.edu/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

intercultural dos estudantes por meio do engajamento online. Além disso trabalha as dimensões da mobilidade presencial, pois é uma atividade colaborativa entre professores e estudantes, faz uso da tecnologia para interação online, articula a dimensão internacional e está integrado no processo de aprendizagem (DE WIT, 2013).

Outra das estratégias de internacionalização com o uso das TDIC's são os cursos online abertos e massivos, conhecidos como MOOC's (DOWNES, 2017). Uma das características deste modelo é que os estudantes aprendem de forma independente, evidenciando a importância da autonomia na aquisição de conhecimento, que ocorre no seu próprio ritmo, sem a necessidade de seguir um cronograma específico. Outra característica é que o número de alunos é ilimitado e eles estão separados tanto pelo espaço quanto pelo tempo (KAPLAN, HAENLEIN, 2016). A modalidade é ofertada, geralmente, de forma gratuita e para qualquer indivíduo que tenha acesso à internet. Os cursos compreendem as diversas áreas do conhecimento e são disponibilizados em plataformas virtuais por instituições de ensino respeitadas (DAL FORNO, KNOLL, 2013).

Além da aprendizagem, os MOOC's favorecem conexões entre indivíduos e grupos de diferentes regiões e países. Desta maneira, os MOOC's favorecem o desenvolvimento de competências interculturais, pois "facilitam a disseminação do conhecimento em grande escala e influenciam o processo de internacionalização, uma vez que proporcionam a rápida aproximação de pessoas de diferentes origens e culturas" (BOAL, STALLIVIERI, 2015, p. 2). As plataformas edX, Kan Academy, Coursera, Udemy, entre outros, são exemplos de MOOC's que promovem a internacionalização da educação.

Kolm *et al.* (2021) identificam que a inclusão de uma dimensão virtual na internacionalização da educação superior é uma oportunidade para a expansão das colaborações internacionais e o desenvolvimento de competências internacionais de colaboração online, pois possibilitam a interação com a diversidade sociocultural e linguística, as quais são necessárias para a formação de sujeitos que precisam atuar social e profissionalmente em um mundo globalizado.

Ainda, reconhece-se que as competências interculturais são fundamentais para os graduados do século 21 e o intercâmbio virtual tem o potencial de fornecer uma abordagem inclusiva para seu desenvolvimento. No entanto, as IES precisam ir além de simplesmente fornecer apenas experiências internacionais e/ou interculturais à comunidade acadêmica, tanto ambientes virtuais como nos presenciais (JORGENSEN *et al.*, 2020).

O desenvolvimento de competências interculturais requer a criação de oportunidades inovadoras no contexto da internacionalização. A adoção das TDIC's nas ações de internacionalização contribuem para o aprimoramento dos métodos de ensino e conduzem ao aperfeiçoamento da *IaH*, facilitando através do contato online, a colaboração entre instituições e pessoas de diferentes países. Uma das possibilidades de inovação nas ações de internacionalização virtual é a integração das metodologias ativas, pois as interações entre sujeitos de diversas origens e culturas possibilita desenvolver o respeito, a inclusão e o senso de pertencimento à comunidade global.

Através da participação em situações estruturadas, nas quais estão envolvidas equipes internacionais, os estudantes têm a oportunidade de colaborar e refletir sobre sua experiência de aprendizagem a partir de referenciais e contextos distintos. Dessa forma, há o fomento ao engajamento ativo dos estudantes no processo de "se tornarem capacitados e motivados a contribuir para a mudança social e a valorizar a diversidade cultural através da crítica às questões normativas e éticas da sustentabilidade" (CANIGLIA *et al.*, 2017, p. 374).

Os ambientes virtuais de aprendizagem ampliam a abrangência de atuação das IES, que não ficam mais restritas apenas a sua estrutura física. Contudo, o espaço da sala de aula continua sendo aquele no qual "o estudante questiona, constrói argumentos, expõe ideias, esclarece as dúvidas, porque a aula universitária deve ser um ambiente interativo e formativo" (WIEBUSCH, LIMA, 2018, p. 157). São as práticas pedagógicas inovadoras, como aquelas que utilizam de metodologias ativas, as promotoras do engajamento acadêmico e da aprendizagem significativa.

Considerações Finais

A educação superior é estratégica para as transformações sociais que visem superar

as assimetrias sociais, econômicas, políticas e culturais, permitindo o acesso de todos a este nível de ensino, enquanto um direito humano universal. Seja no próprio campus ou no exterior, a internacionalização contribui para este fim, pois propicia a aprendizagem sobre novas culturas, o conhecimento de línguas adicionais, o desenvolvimento de competências acadêmicas interculturais e internacionais, responsabilidade, solidariedade, e uma formação cidadã.

Com os espaços de aprendizagem sendo ressignificados, os limites entre a educação presencial e a educação à distância são cada vez menos expressivos, e as metodologias ativas combinadas os ambientes virtuais de aprendizagem oportunizam meios para interações significativas entre professores, estudantes e o conhecimento, favorecendo a construção de uma aprendizagem colaborativa. O uso de metodologias ativas em ambientes virtuais também pode incrementar e/ou fortalecer a internacionalização da educação superior, propiciando a interação e a cooperação entre as comunidades acadêmicas localizadas em diversos pontos do globo com o intuito de desenvolver habilidades interculturais, internacionais e linguísticas.

Quando conectadas ao contexto da internacionalização, contribuem para apoiar uma perspectiva inclusiva e equitativa. Reconhece-se que a conexão entre metodologias ativas e a internacionalização da educação superior em ambientes virtuais de aprendizagem depende de diversos fatores, como organização curricular, formação docente, infraestrutura, e apoio institucional. Contudo, cada vez mais será necessário consolidar estratégias que incluam os ambientes virtuais de aprendizagem e promovam o desenvolvimento de políticas que apoiem a internacionalização da educação superior.

Apenas a incorporação das tecnologias digitais nos processos de internacionalização da educação superior não é suficiente para promover o pensamento crítico e reflexivo, uma aprendizagem significativa ou desenvolver competências interculturais e internacionais. Nesse sentido, defende-se que é a criação de ambientes de aprendizagem colaborativos e intencionais que promovem o engajamento dos estudantes nas interações com diferentes culturas e contextos, no reconhecimento e valorização das distintas origens sociais e culturais, desenvolve a atenção às dinâmicas globais e às responsabilidades sociais que transcendem as fronteiras nacionais.

Referências

ALMEIDA, M.E.B.; MORAN, J.E. (orgs.). **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000701.pdf>. Acesso em 13 jan. 2022.

ALMEIDA, M.E.B. Apresentação. In: BACICH, L; MORAN, J.(orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. e-PUB.

ARAUJO, J.C.S. Fundamentos da metodologia de ensino ativa. In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2015. p. 1-18. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4216.pdf>. Acesso em 13 jan. 2022.

BACICH, L; MORAN, J.(orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018. e-PUB.

BASTOS, C. C. **Metodologias ativas**. 2006. Disponível em: <http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BEELEN, J.; JONES, E. Redefining Internationalization at Home. In: CURAJ, A.; MATEI, L.; PRICOPIE, R., et al. (eds.). **The European Higher Education Area**. The Impact of Past and Future Policies. Cham: Springer, 2015.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2011v32n1p25>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>. Acesso em: 14 dez. 2021.

BIJNENS, H.; BOUSSEMAERE, M.; RAJAGOPAL, K.; OP DE BEECK, I.; VAN PETEGEM, W. **European Cooperation in Education through Virtual Mobility: a best practices manual**. Heverlee: EuroPACE ivzw, 2006. Disponível em: <https://www.eurashe.eu/library/wg4-r-virtual-mobility-best-practice-manual-pdf/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BOAL, H.M.C.; STALLIVIERI, L. Os MOOCs e o processo de internacionalização das instituições de Ensino Superior. In: XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU. DESAFIOS DA GESTÃO UNIVERSITÁRIA NO SÉCULO XXI, 2015. Mar del Plata. **Anais...** Mar del Plata: UNMdP, 2015. p. 1-16. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136147/102_00012.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 25 jan. 2022.

BRUHN, E.; OSSIETZKY, C. Towards a Framework for Virtual Internationalization. European Distance and E-Learning Network Network Research Workshop, 2016. Oldenburg, 2016, p. 1-9, 2016.

Forging new pathways of research and innovation in open and distance learning: Reaching from the roots Proceedings of the European Distance and E-Learning, 2016, Budapest. **Conference Proceedings...** Budapest: Budapest University of Technology and Economics, 2016. p. 1-10. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=846984>. Acesso em: 31 jan. 2022.

CANIGLIA, G.; JOHN, B.; BELLINA, L.; LANG, D.J.; WIEK, A.; COHMER, S.; LAUBICHLER, M.D. The glocal curriculum: A model for transnational collaboration in higher education for sustainable development. **Journal of Cleaner Production**, v. 171, p. 368-376, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.09.207>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959652617322096>. Acesso em: 08 fev. 2022.

CHRISTENSEN, C.M.; HORN, M.B.; STAKER, H. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. 2013. Disponível em: http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf. Acesso em: 07 jan. 2022.

DAL FORNO, J.P., KNOLL, G. F. Os MOOCs no mundo: um levantamento de cursos online abertos massivos. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 3, p. 178-194, set./dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2705>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2705>. Acesso em 09 jan. 2022.

DEWIT, H. COIL – Virtual mobility without commercialization. **The Word University News**, 01 junho 2013. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20130528175741647>. Acesso em 19 jun. 2021.

DE WIT, H. Misconceptions about (the end of) internationalization, challenges and opportunities for the future. **Revista Educación Superior y Sociedad**, v. 21, n. 21, p. 65-78, 2017. Disponível em: <https://www.iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/article/view/27>. Acesso em 07 jan. 2022.

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L.S.; MARTINS, S.N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. <https://dor.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 1 fev. 2022.

DOWNES, S. **Toward personal learning: reclaiming a role for humanity in a world of commercialism and automation**. 2017. Disponível em: <https://www.downes.ca/files/books/Toward%20>

Personal%20Learning%20v09.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

FACER, K. **Rethinking the ‘human’ at the heart of humanist education**. 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/futuresofeducation/ideas-lab/facer-rethinking-humanist-education>. Acesso em: 28 nov. 2021.

GÁCEL-ÁVILA, J. **La dimensión internacional de las universidades – contexto, procesos, estrategias**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 2006.

IESALC-UNESCO. CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Declaración de la CRES 2018**. IESALC-UNESCO: Córdoba, 2018. Disponível em: [http://www.cres2018.org/uploads/declaracion_cres2018%20\(2\).pdf](http://www.cres2018.org/uploads/declaracion_cres2018%20(2).pdf). Acesso em: 14 dez. 2021.

KAPLAN, A.M., HAENLEIN, M. Higher education and the digital revolution: About MOOCs, SPOCs, social media, and the Cookie Monster. **Business Horizons**, v. 59, n. 4, p. 441-450, July–Aug. 2016. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2016.03.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000768131630009X>. Acesso em 10 jan. 2022.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. 2ª ed. São Leopoldo: OIKOS, 2020.

KOLM, A.; DE NOOIJER, J.; VANHERLE, K.; WERKMAN, A.; WEWERKA-KREIMEL, D.; RACHMAN-ELBAUM, S.; VAN MERRIËNBOER, J. J. G. International Online Collaboration Competencies in Higher Education Students: A Systematic Review. **Journal of Studies in International Education**, 2021. <https://doi.org/10.1177/10283153211016272>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/10283153211016272>. Acesso em: 09 fev. 2022.

JORGENSEN, M., MASON, A., PEDERSEN, R., HARRISON, R. The Transformative Learning Potential in the Hybrid Space Between Technology and Intercultural Encounters. **Journal of Studies in International Education**, 2020. <https://doi.org/10.1177/1028315320976030>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1028315320976030>. Acesso em 09 fev. 2021. Acesso em 09 fev. 2022.

LACERDA, F.C.B.; SANTOS, L.M. Integralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 23, n. 3, p. 611-627, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/JRjdzXYGrSdQSZmDxFQQwdM/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 02 fev. 2022.

LEASK, B.; GREEN, W. Is the pandemic a watershed for internationalization? London: **University World News**, 2020. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20200501141641136>. Acesso em: 01 fev. 2022.

LEITE, L.S.; RAMOS, M.B. A metodologia ativa no ambiente virtual de aprendizagem. In: SILVA, A.R.L.; BIEGING, P.; BUSARELLO, R.I. (orgs.) **Metodologia ativa na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

LIMA, V.V. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. 61, p. 421-434, 2017. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/736VYw4p3MvtCHNvbnvHrL/?format=html&lang=pt#>. Acesso em 02 fev. 2022.

MAZZAFERA, B.L., BIANCHINI, L.G.B. Metodologias Ativas em Ambientes Virtuais: Relações com Estratégias de Aprendizagem Andragógicas. **Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 21,

n. 4, 2020, p. 454-457. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgskroton.com.br/article/view/8833> Acesso em: 01 fev. 2022.

MITTELMEIER, J.; RIENTIES, B.; GUNTER, A.; RAGHURAM, P. Conceptualizing internationalization at a distance: A “third category” of university internationalization. **Journal of Studies in International Education**, v. 25, n. 3, p. 266–282, 2021. <https://doi.org/10.1177/1028315320906176>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1028315320906176>. Acesso em 10 jan. 2022.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L., MORAN, J. (orgs.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

MOROSINI, M. C. Apresentação [Dossiê – Internacionalização da educação superior]. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 288-292, 2017. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.30004>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/30004>. Acesso em 30 jan. 2022.

O'DOWD, R., BEAVEN, A. **Examining the impact of Virtual Exchange**. Forum Magazine. Amsterdam: European Association for International Education, winter 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/41333601/Examining_the_impact_of_Virtual_Exchange. Acesso em 01 fev. 2022.

O'DOWD, R. From telecollaboration to virtual exchange: state-of-the-art and the role of UNICollaboration in moving forward. **Journal of Virtual Exchange**, v. 1, p. 1-23, 2018. <https://doi.org/10.14705/rpnet.2018.jve.1>. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED592404.pdf>. Acesso em 08 jan. 2022.

PAZ, J.F; ROCHA, R.S. Metodologias ativas, pensamento crítico e criativo e outras tendências para o ensino na atualidade. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 41, p. 121-131, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4886>. Acesso em: 08 fev. 2022.

UNESCO. **Los futuros de la educación: Aprender a convertirse**. Directrices de consulta para grupos de discusión de partes interesadas. 2019. Disponível em: <https://ar.unesco.org/futuroseducation/sites/default/files/2020-02/ESP%20-%20Los%20futuros%20de%20la%20educaci%C3%B3n%20-%20Stakeholder%20Focus%20Group%20Consultation%20Guidelines.pdf>. Acesso em 10 jan. 2022.

TESAR, M. Future Studies: Reimagining our Educational Futures in the Post-Covid-19 world. **Policy Futures in Education**, vol. 19, n. 1, p. 1–6, 2021. <https://doi.org/10.1177/1478210320986950>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1478210320986950>. Acesso em: 10 dez. 2021.

WEISBACH, A.; LIMA, V.M.R. Inovação nas práticas pedagógicas no Ensino Superior: possibilidades para promover o engajamento acadêmico. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 154-169, jul-dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.15448/2179-8435.2018.2.31607>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito>. Acesso em 01 fev. 2022.

WOICOLESCO, V.G; MOROSINI, M.C.; MARCELINO, J.M. COVID-19 and the Crisis in the Internationalization of Higher Education in Emerging Contexts. **Policy Futures in Education**, September, 2021. <https://doi.org/10.1177/14782103211040913>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14782103211040913#>. Acesso em 01 fev. 2022.

WOICOLESCO, V. G.; CASSOL-SILVA, C.; MOROSINI, M. Internationalization at Home and Virtual: a sustainable model for Brazilian Higher Education. **Journal of Studies in International Education**, January 2022, in press.

Recebido em 18 de janeiro de 2022.
Aceito em 25 de janeiro de 2022.